

Carlos Ruiz
Zafón

O JOGO
DO ANJO

TRADUÇÃO
Eliana Aguiar



Copyright © Dragonworks SL 2008 by Carlos Ruiz Zafón

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

El juego del Ángel

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

F. Català-Roca. *Passeig de Gràcia*. Barcelona, c.1952 © Photographic Archive
F. Català-Roca – Arxiu Històric del Col·legi d'Arquitectes de Catalunya

Preparação

Isis Batista Pinto

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ruiz Zafón, Carlos

O jogo do anjo / Carlos Ruiz Zafón; tradução Eliana
Aguiar. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2017.

Título original: El juego del Ángel.

ISBN 978-85-5651-037-2

1. Ficção espanhola I. Título.

17-03843

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura espanhola 863

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARZ S.A.

Praça Floriano, 19 – Sala 3001

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/sumadeletrasbr

instagram.com/sumadeletras_br

twitter.com/Suma_BR



O CEMITÉRIO DOS LIVROS ESQUECIDOS

Este livro faz parte de um ciclo de romances que se entrecruzam no universo literário do Cemitério dos Livros Esquecidos. Os romances que formam este ciclo estão interligados por personagens e linhas argumentativas que constroem pontes narrativas e temáticas, embora cada um deles ofereça uma história fechada, independente e contida em si mesma.

As diversas partes da série do Cemitério dos Livros Esquecidos podem ser lidas em qualquer ordem ou separadamente, permitindo ao leitor explorar e entrar no labirinto de histórias através de diferentes portas e caminhos que, entrelaçados, o conduzirão ao coração da narrativa.

**PRIMEIRO ATO
A CIDADE DOS MALDITOS**

1

Um escritor nunca esquece a primeira vez que aceita algumas moedas ou um elogio em troca de uma história. Nunca esquece a primeira vez que sente o doce veneno da vaidade no sangue e começa a acreditar que, se conseguir disfarçar sua falta de talento, o sonho da literatura será capaz de lhe garantir um teto, um prato quente no fim do dia e aquilo que mais deseja: seu nome impresso em um miserável pedaço de papel que certamente vai viver mais do que ele. Um escritor está condenado a recordar esse momento porque, a partir daí, ele está perdido e sua alma já tem um preço.

Minha primeira vez chegou em um dia distante de dezembro, em 1917. Na época, eu tinha dezessete anos e trabalhava no *La Voz de la Industria*, um jornal decadente que definhava em um edifício cavernoso que, em tempos passados, tinha abrigado uma fábrica de ácido sulfúrico e cujas paredes ainda exalavam aquele vapor corrosivo que consumia o mobiliário, a roupa, o ânimo e até a sola dos sapatos. A sede do jornal se erguia atrás do bosque de anjos e cruzes do cemitério de Pueblo Nuevo e, de longe, sua silhueta se confundia com a dos mausoléus, que se recortavam contra um horizonte espetado por centenas de chaminés e fábricas que teciam um perpétuo crepúsculo vermelho e negro sobre Barcelona.

Na noite que mudaria o rumo de minha vida, o subdiretor do jornal, dom Basilio Moragas, achou por bem convocar-me, um pouco antes do fechamento da edição, ao escuro cubículo encravado no fundo da redação, que fazia as vezes de escritório e de área para fumantes de charutos cubanos. Dom Basilio era um homem de aspecto feroz e bigode farto que não estava para brincadeiras e adotava a teoria de que tanto o uso libe-

ral de advérbios quanto o excesso de adjetivos eram coisa de pervertidos e de gente com deficiências vitamínicas. Quando descobria um redator inclinado à prosa mais floreada, tratava de transferi-lo para a redação de obituários por três semanas. Se, depois do castigo, o indivíduo reincidisse, dom Basilio o mandava para a seção de tarefas domésticas para todo o sempre. Todos tínhamos pavor dele, e ele sabia disso.

— Mandou me chamar, dom Basilio? — arrisquei timidamente.

O subdiretor me olhou de canto de olho. Entrei no escritório, que cheirava a suor e tabaco, nessa ordem. Dom Basilio ignorou minha presença e continuou revisando um dos artigos que estavam na escrivaninha, com o lápis vermelho em punho. Durante alguns minutos, o subdiretor metralhou o texto, corrigindo, quando não amputando, e resmungando grosserias como se eu não estivesse ali. Sem saber o que fazer, vi que havia uma cadeira encostada na parede e fiz menção de me sentar.

— Quem disse que podia se sentar? — murmurou ele, sem tirar os olhos do texto.

Ergui-me apressadamente e preendi a respiração. O subdiretor suspirou, deixou cair o lápis e reclinou-se em sua poltrona para examinar-me como se eu fosse um traste imprestável.

— Me disseram que você escreve, Martín.

Engoli em seco e quando abri a boca, só o que saiu foi um ridículo fio de voz.

— Bem, um pouco, quer dizer, não sei... ou seja, sim, escrevo...

— Espero que escreva melhor do que fala. Mas escreve o quê, se não for demais perguntar?

— Histórias policiais. Quer dizer...

— Já entendi.

O olhar que dom Basilio me dirigiu foi indescritível. Se eu tivesse dito que fazia bonequinhos de presépio com esterco fresco teria obtido dele o triplo de entusiasmo. Suspirou de novo e deu de ombros.

— Vidal diz que você não é de todo mau. Que se destaca do resto. Claro que, com a concorrência que se vê por essas bandas, também não é preciso ser grande coisa. Mas, se Vidal falou...

Pedro Vidal era a estrela literária do *La Voz de la Industria*. Escrevia uma crônica semanal na editoria de polícia, que era a única coisa que

merecia ser lida em todo o jornal, e era autor de uma dezena de livros de suspense sobre gângsteres do bairro do Raval — o Distrito V — que viviam em concubinato com damas da alta sociedade, os quais lhe garantiram uma modesta popularidade. Metido invariavelmente em impecáveis ternos de seda e reluzentes mocassins italianos, Vidal tinha os traços e os gestos de um galã de sessão da tarde: cabelo louro sempre bem penteado, bigode fino e o sorriso fácil e generoso de quem se sentia confortável na própria pele e no mundo. Provinha de uma dinastia de emigrantes que tinha feito fortuna nas Américas com a produção de açúcar e que, de volta à Espanha, tinha cravado os dentes em uma suculenta fatia do plano de eletrificação da cidade. Seu pai, o patriarca do clã, era um dos acionistas majoritários do jornal, e dom Pedro usava a redação como pátio de recriação para matar o tédio de nunca, nem um único dia de sua vida, ter trabalhado por necessidade. Pouco importava que o diário perdesse tanto dinheiro quanto os automóveis que começavam a circular pelas ruas de Barcelona perdiam óleo: com abundância de títulos de nobreza, a dinastia dos Vidal dedicava-se agora a colecionar bancos e mansões do tamanho de pequenos principados no Ensanche.

Pedro Vidal foi a primeira pessoa a quem mostrei os rascunhos que escrevia quando era apenas um menino e trabalhava servindo café e cigarros na redação. Sempre teve tempo para mim, para ler meus escritos e dar bons conselhos. Com o tempo, chamou-me para ser seu assistente e permitia que datilografasse seus textos. Certo dia me disse que, se eu quisesse mesmo apostar meu destino na roleta-russa da literatura, estava disposto a me ajudar e a guiar meus primeiros passos. Fiel à palavra dada, tinha me jogado nas garras de dom Basilio, o cão de guarda do jornal.

— Vidal é um sentimental que ainda acredita em lendas profundamente antiespanholas, como a meritocracia, e em dar oportunidade a quem merece e não ao apadrinhado da vez. Cheio da grana como é, pode sair pelo mundo dando uma de lírico. Se eu tivesse um centésimo da grana que sobra para ele, teria me dedicado a escrever sonetos, e os passarinhos vibrariam comer na minha mão, fascinados por minha bondade e meu encanto.

— O sr. Vidal é um grande homem — protestei eu.

— É mais do que isso. É um santo porque, apesar dessa sua pinta de morto de fome, há semanas que ele me aporrinha com exemplos de como

é talentoso e trabalhador o caçula da redação. Ele sabe que, no fundo, sou um sentimental e, além do mais, garantiu que, se eu lhe der uma oportunidade, ele me dará uma caixa de charutos. E, se Vidal pede, para mim é como se Moisés descesse do monte Sinai com os Dez Mandamentos em uma mão e a verdade revelada na outra. Então, concluindo, como é Natal e para que seu amigo feche a porra da matraca de uma vez por todas, vou convidá-lo para estrear como os heróis: contra ventos e marés.

— Muitíssimo obrigado, dom Basilio. Garanto que não vai se arrepender de...

— Menos, moleque. Vejamos o que pensa do uso generoso e indiscriminado de advérbios e adjetivos...

— Que é uma vergonha e deveria ser crime previsto no código penal — respondi com a convicção de um crente militante.

Dom Basilio concordou com entusiasmo.

— Muito bem, Martín. Tem prioridades claras. Os que sobrevivem nessa profissão são os que têm prioridades e não os que têm princípios. Eis o plano. Pode se sentar e tratar de entender, pois não vou repetir.

O plano era o seguinte: por motivos que dom Basilio não considerou oportuno esclarecer, a última página da edição dominical, tradicionalmente reservada para um relato literário ou de viagem, tinha caído na última hora. Tratava-se de uma narrativa de índole patriótica e inflamado lirismo sobre as façanhas dos almogávares, nas quais, canção vai, canção vem, eles salvavam a cristandade e tudo o que havia de decente sob o céu, a começar pela Terra Santa e a terminar pelo delta do Llobregat. Lamentavelmente, o texto não chegou a tempo ou, suspeitava eu, dom Basilio não tinha a menor vontade de publicá-lo. Isso nos deixava a seis horas do fechamento e sem nenhum outro candidato para substituir o conto senão um anúncio de página inteira de uma marca de cintas feitas de barbatana de baleia, que prometia quadris de sonho e imunidade às macarronadas. Diante do dilema, o conselho editorial determinou que era necessário estufar o peito e convocar os talentos literários que brotavam em todos os cantos da redação, a fim de tapar o buraco e ocupar as quatro colunas com um texto de interesse humano, para o deleite de nosso leal público familiar. A lista de talentos comprovados disponíveis era composta de dez nomes, nenhum dos quais, claro, era o meu.

— Amigo Martín, as circunstâncias conspiraram para que nenhum dos paladinos da lista esteja aqui de corpo presente ou possa ser localizado em uma margem de tempo prudente. Diante do desastre iminente, resolvi lhe dar uma oportunidade.

— Conte comigo.

— Conto com cinco laudas em espaço duplo, antes das seis horas, dom Edgar Allan Poe. Traga uma história, não um discurso. Se quisesse um sermão, iria à Missa do Galo. Traga uma história que eu não tenha lido antes ou, se já tiver lido, que esteja tão bem escrita que eu nem perceba.

Já ia sair correndo, quando dom Basilio se levantou, rodeou a escrivaninha e apoiou a mão, do tamanho e do peso de uma bigorna, em meu ombro. Só então, aovê-lo de perto, percebi que seus olhos sorriam.

— Se a história for decente, pagarei dez pesetas. E se for mais que decente e agradar aos leitores, publicarei outras suas.

— Alguma orientação específica, dom Basilio? — perguntei.

— Sim: não me decepcione.

Passei as seis horas seguintes em transe. Instalei-me na mesa que ficava bem no meio da redação, reservada para os dias em que Vidal cismava de passar um tempinho no jornal. A sala estava deserta e mergulhada em uma penumbra formada pela fumaça de dez mil charutos. Fechei os olhos um instante e invoquei uma imagem: um manto de nuvens negras derramando-se sobre a cidade em forma de chuva, um homem que caminhava buscando as sombras, com sangue nas mãos e um segredo no olhar. Eu não sabia quem era nem do que fugia, mas, durante as seis horas seguintes, ele se transformaria no meu melhor amigo. Enfiei uma folha na máquina e, sem trégua, comecei a despejar tudo o que tinha dentro de mim. Lutei com cada palavra, cada frase, cada imagem e cada letra como se fossem as últimas que escreveria. Escrevi e reescrevi cada linha como se minha vida dependesse daquilo e, depois, reescrevi de novo. Toda a companhia que tinha era o eco incessante do teclado, perdendo-se na sala escura, e o grande relógio da parede esgotando os minutos que restavam até o amanhecer.

* * *

Pouco antes das seis da manhã, arranquei a última folha da máquina e suspirei derrotado e com a sensação de ter um vespeiro no lugar do cérebro. Ouvi os passos vagarosos e pesados de dom Basilio saindo de uma de suas sestas com hora marcada e aproximando-se lentamente. Juntei as páginas e entreguei a ele, sem me atrever a enfrentar seu olhar. Dom Basilio escolheu uma das mesas próximas, sentou-se e acendeu a lâmpada. Seus olhos deslizaram para cima e para baixo sobre o texto, sem deixar transparecer nenhuma emoção. Então, largou o charuto na beira da mesa por um instante e, olhando para mim, leu em voz alta a primeira linha.

— “Cai a noite sobre a cidade e as ruas carregam o cheiro de pólvora como o hálito de uma maldição.”

Dom Basilio me olhou de esguelha e eu me protegi em um sorriso que deixava todos os dentes à mostra. Sem dizer nada mais, ele se levantou e partiu com meu conto nas mãos. Eu o vi caminhar até o escritório e fechar a porta depois de entrar. Fiquei petrificado, sem saber se devia sair correndo ou esperar a sentença de morte. Dez minutos depois, que para mim foram dez anos, a porta do escritório do subdiretor se abriu e sua voz retumbante se fez ouvir em toda a redação.

— Martín. Faça o favor de vir aqui.

Arrastei-me tão lentamente quanto pude, encolhendo vários centímetros a cada passo, até que não tive outra saída senão mostrar a cara e levantar os olhos. Dom Basilio, com o temível lápis vermelho em riste, me olhava friamente. Tentei engolir saliva, mas minha boca estava seca. Dom Basilio pegou as folhas e me devolveu. Agarrei-as e dei meia-volta rumo à porta tão rápido quanto pude, pensando que sempre haveria lugar para mais um engraxate na recepção do hotel Colón.

— Leve isso para a gráfica e mande rodar — disse a voz às minhas costas.

Virei-me, pensando que estava sendo alvo de uma brincadeira cruel; dom Basilio abriu a gaveta da escrivaninha, contou dez pesetas e colocou-as sobre a mesa.

— Isso é seu. Sugiro que compre outro terno, pois faz quatro anos que o vejo por aí com esse que, ainda por cima, é seis números maior que você.

Se quiser, procure o sr. Pantaleoni na alfaiataria da rua Escudellers e diga que fui eu quem mandou. Vai tratá-lo bem.

— Muito obrigado, dom Basilio. É o que farei.

— E vá preparando outra história como essa. Vou lhe dar uma semana para isso. Mas não durma no ponto. E vamos ver se bota menos mortos, que o leitor de hoje gosta de um final bem meloso, em que a grandeza do espírito humano triunfa e outras baboseiras.

— Sim, dom Basilio.

O subdiretor assentiu e estendeu a mão. Apertei-a.

— Bom trabalho, Martín. Segunda-feira querovê-lo na mesa que era do Junceda e que agora é sua. Vou colocá-lo na editoria de polícia.

— Não vou desapontá-lo, dom Basilio.

— Não, não vai. Mas cedo ou tarde me deixará na mão. E fará bem, pois não é um jornalista e nunca será. Mas também não é um escritor de romances policiais, embora pense que sim. Fique por aqui um tempo e poderemos lhe ensinar duas ou três coisas que nunca serão demais.

Naquele momento, com a guarda baixa, fui invadido por um sentimento de gratidão tão grande que tive vontade de abraçar aquele homenzarrão. Dom Basilio, com a máscara feroz de volta ao lugar, cravou-me um olhar de aço e indicou a porta.

— Nada de cenas, por favor. Feche quando sair. Por fora. E feliz Natal.

— Feliz Natal.

Na segunda-feira seguinte, quando cheguei à redação disposto a ocupar pela primeira vez minha própria escrivaninha, encontrei um envelope de papel pardo com um laço e meu nome escrito na mesma caligrafia que eu vinha datilografando havia anos. Abri e encontrei a última página do jornal de domingo, com minha história marcada e um bilhete que dizia:

“Isso é só o começo. Em dez anos, eu serei o aprendiz e você, o mestre. Seu amigo e colega, Pedro Vidal.”

2

Minha estreia na literatura sobreviveu ao batismo de fogo, e dom Basilio, fiel a sua palavra, realmente me deu a oportunidade de publicar mais um ou dois contos de perfil semelhante. Logo depois, a diretoria resolveu que minha fulgurante carreira teria periodicidade semanal, desde que eu continuasse a desempenhar pontualmente minhas tarefas na redação, e pelo mesmo preço, claro. Intoxicado de vaidade e cansaço, passava meus dias revisando o texto dos colegas e redigindo rapidamente incontáveis colunas de crimes e horrores para que, depois, pudesse reservar minhas noites para escrever, sozinho na sala da redação, o folhetim pretencioso e operístico que acalentava havia tempos na imaginação e que, sob o título de *Os mistérios de Barcelona*, misturava despudoradamente de Dumas até Stoker, passando por Sue e Féval. Dormia umas três horas por dia e ostentava a aparência de quem passava as noites em um caixão. Vidal, que nunca conheceu essa fome que nada tem a ver com o estômago e que devora a pessoa por dentro, achava que eu estava queimando os miolos e que, no ritmo em que ia, celebraria meu próprio funeral antes dos vinte anos. Dom Basilio, que não se escandalizava com meu esforço, tinha outras reservas. Publicava cada episódio muito a contragosto, incomodado pelo que considerava uma morbidez excessiva e um infeliz desperdício de meu talento a serviço de argumentos e tramas de gosto muito duvidoso.

Os mistérios de Barcelona trouxeram à luz uma pequena estrela dos folhetins, uma *femme fatale* imaginada como só se é capaz de fazê-lo aos

dezessete anos. Minha heroína, Chloé Permanyer, era a princesa soturna de todas as vampiras. Muito inteligente e ainda mais complicada, Chloé Permanyer fazia questão de usar o que havia de mais incendiário e re-quintado em matéria de lingerie e atuava como amante e mão esquerda do enigmático Baltasar Morel, cérebro do submundo que vivia em uma mansão subterrânea povoada de robôs e relíquias macabras, cuja entrada secreta ficava nos túneis escavados sob as catacumbas do Bairro Gótico. O método preferido de Chloé para liquidar suas vítimas era seduzi-las com uma dança hipnótica, despindo-se lentamente de todos os seus adornos para, em seguida, beijá-las com um batom envenenado que paralisava todos os músculos do corpo e as matava asfixiadas, em silêncio, enquanto ela as fitava, olhos nos olhos. Para proteger-se, bebia previamente um antídoto dissolvido em champanhe Dom Pérignon da mais fina reserva. Chloé e Baltasar tinham o próprio código de honra: só liquidavam a escuria, limpando o mundo de valentões, vermes, falsos santos, fanáticos, dogmáticos toscos e todo tipo de cretinos que faziam deste mundo um lugar ainda mais miserável para os outros em nome de bandeiras, deuses, línguas, raças ou qualquer tipo de lixo que usavam para mascarar sua cobiça e sua mesquinhez. Para mim, eles eram heróis heterodoxos, como todos os heróis de verdade. Para dom Basilio, cujos gostos literários tinham se aposentado na idade de ouro da poesia espanhola, aquilo não passava de um disparate colossal. No entanto, diante da boa acolhida que as histórias tiveram e do afeto que, mesmo contra a vontade, sentia por mim, tolerava minhas extravagâncias, atribuindo-as a um excesso de ardor juvenil.

— Você tem mais habilidade do que bom gosto, Martín. A patologia que o aflige tem nome e esse nome é *grand guignol*, que está para o drama assim como a sífilis está para as partes íntimas. Contraí-la talvez seja prazeroso, mas daí em diante, é tudo ladeira abaixo. Você deveria ler os clássicos, ou pelo menos dom Benito Pérez Galdós, para elevar suas aspirações literárias.

— Mas os leitores gostam dos meus contos — argumentava eu.

— E o mérito não é seu. É da concorrência, que é tão ruim e pedante que seria capaz de, em um único parágrafo, deixar até um burro em estado catatônico. Vamos ver se amadurece de uma vez por todas e cai da árvore do fruto proibido.

Eu concordava fingindo arrependimento, mas acariciava secretamente aquelas palavras proibidas, *grand guignol*, dizendo a mim mesmo que toda causa, por mais frívola que fosse, necessitava de um campeão que defendesse sua honra.

Estava começando a me sentir o mais feliz dos mortais quando descobri que alguns colegas do jornal estavam incomodados porque o caçula e mascote oficial da redação tinha começado a dar seus primeiros passos no mundo das letras, enquanto suas próprias aspirações e ambições literárias murchavam havia anos em um limbo cinzento de esquecimento. O fato de que os leitores do jornal liam avidamente e apreciavam aqueles modestos relatos, mais do que qualquer outra matéria impressa pelas rotativas nos últimos vinte anos, só piorava as coisas. Em algumas semanas, vi que o orgulho ferido das pessoas que havia tão pouco tempo eu considerava como minha única família era capaz de transformá-las em um tribunal hostil, que me negava a palavra ou mesmo um simples cumprimento, e se comprazia em aprimorar seu talento rejeitado dedicando-me, pelas costas, expressões de escárnio e desdém. Minha boa e incompreensível sorte era atribuída à proteção de Pedro Vidal, à ignorância e à estupidez dos nossos assinantes e ao disseminado e batido paradigma nacional que decretava que alcançar certo reconhecimento em qualquer âmbito profissional era, sem exceções, prova irrefutável de incapacidade e falta de merecimento.

Diante daquela inesperada e abominável reviravolta dos acontecimentos, Vidal ainda tentava me animar, mas eu começava a suspeitar que meus dias na redação estavam contados.

— A inveja é a religião dos medíocres. Ela os reconforta, responde às angústias que os devoram por dentro. Em última análise, apodrece suas almas, permitindo que justifiquem a própria mesquinhez e cobiça, até o ponto de pensarem que são virtudes e que as portas do céu se abrirão para os infelizes como eles, que passam pela vida sem deixar outro rastro senão suas trapaceiras tentativas de depreciar os demais, de excluir e, se possível, destruir quem, pelo mero fato de existir e de ser quem são, põe em

evidência sua pobreza de espírito, de mente e de valores. Bem-aventurado aquele para quem os cretinos ladram, pois sua alma nunca lhes pertencerá.

— Amém — concordava dom Basilio. — Se você não tivesse nascido rico, poderia ser padre. Ou revolucionário. Com sermões assim, até o bispo se ajoelha arrependido.

— Certo, podem rir — protestava eu. — Mas sou eu quem eles não querem ver nem pintado.

Além do leque de inimizades e ciúmes que meus esforços me angariavam, a triste realidade era que, apesar de minhas glórias de autor popular, meu salário só dava para sobreviver, comprar mais livros do que teria tempo de ler e alugar um quartinho em uma pensão escondida em uma viela junto à rua Princesa, administrada por uma galega devota que respondia pelo nome de dona Carmen. Dona Carmen exigia discrição e mudava os lençóis uma vez por mês e, portanto, aconselhava aos residentes que se abstivessem de sucumbir às tentações do onanismo e de se deitar na cama com roupas sujas. Não era necessário restringir a presença de mulheres nos quartos, porque não havia uma única mulher em toda Barcelona que concordasse em entrar naquele buraco, nem sob ameaça de morte. Lá aprendi que nessa vida quase tudo se releva, a começar pelos cheiros, e que, se tinha alguma aspiração nesse mundo, era a de não morrer em um lugar como aquele. Nos momentos difíceis, que eram a maioria, dizia a mim mesmo que, se alguma coisa podia me tirar de lá antes que um surto de tuberculose o fizesse, era a literatura, e se isso atiçava a alma de certas pessoas, ou as vergonhas, por mim elas podiam ir para o quinto dos infernos.

Aos domingos, na hora da missa, quando dona Carmen partia para seu encontro semanal com o Altíssimo, os hóspedes aproveitavam para se reunir no quarto do mais velho de todos, um infeliz chamado Heliodoro que, quando jovem, teve aspirações de ser um grande toureiro, mas que só tinha chegado a comentarista e encarregado dos banheiros da praça Monumental.

— A arte de tourear morreu — proclamava. — Agora não passa de um negócio de donos de gado ambiciosos e toureiros sem alma. O público não sabe distinguir entre a tourada popular e a tourada artística, que só os entendidos sabem apreciar.

— Ah, dom Heliodoro, se tivessem lhe dado uma oportunidade, a história seria outra.

— É que neste país só os incapazes têm vez.

— Nem me diga.

Depois do sermão semanal de dom Heliodoro, chegava a hora da festa. Amontoados como sardinhas junto à janelinha do quarto, os moradores podiam ver e ouvir através de uma claraboia os ruídos de uma vizinha do prédio ao lado, Marujita, apelidada de Pimentinha, por causa de seu vocabulário picante e de sua generosa anatomia em forma de pimentão. Marujita ganhava dinheiro fazendo faxina em estabelecimentos ordinários, mas dedicava domingos e feriados religiosos a um namorado seminarista, que vinha de Manresa para a cidade de trem, incógnito, e se entregava com vontade e brio ao conhecimento do pecado. Estavam meus companheiros de alojamento espremidos na janela para captar uma visão fugaz das titânicas nádegas de Marujita em pleno vaivém, espalhando-se como massa de rosca de Páscoa contra o vidro da claraboia de seu quarto, quando a campainha da pensão tocou. Diante da falta de voluntários para atender e arriscar-se a perder um lugar com boa visão do espetáculo, desisti do meu esforço para fazer parte da plateia e caminhei até a porta. Ao abrir, topei com uma visão insólita e improvável em circunstâncias tão miseráveis. Dom Pedro Vidal em todo o seu gênio, esplendor e terno de seda italiana sorria na entrada.

— Fez-se a luz — disse, entrando sem esperar convite.

Vidal parou para examinar o salão que fazia as vezes de refeitório e sala de visitas daquele buraco, e suspirou de desgosto.

— Acho que é melhor irmos para o meu quarto — sugeriu.

Levei-o até os meus aposentos. Os gritos e aplausos de meus colegas em honra a Marujita e suas acrobacias eróticas enchiam as paredes de júbilo.

— Que lugar mais alegre — comentou Vidal.

— Faça o favor de passar à suíte presidencial, dom Pedro — convidei.

Entramos e fechei a porta. Depois de uma sumaríssima olhada ao redor, sentou-se na única cadeira que havia e olhou-me com displicênci. Não era difícil imaginar a impressão que meu modesto lar deveria lhe causar.

— E então, o que acha?

— Encantador. Vou acabar me mudando para cá também.

Pedro Vidal vivia em Villa Helius, um monumental casarão modernista de três andares e terraço, recostado nas ladeiras que subiam pelo bairro de Pedralbes no cruzamento das ruas Abadesa Olzet e Panamá. A casa tinha sido um presente que seu pai lhe dera dez anos antes, com a esperança de que assentasse a cabeça e formasse uma família, projeto no qual Vidal já acumulava anos de atraso. A vida tinha abençoad o dom Pedro Vidal com muitos talentos, entre eles o de decepcionar e ofender seu pai com cada gesto e cada passo que dava. Vê-lo confraternizando com indesejáveis como eu não ajudava. Lembro-me de uma vez em que visitei meu mentor para entregar uns papéis do jornal e tropecei com o patriarca do clã Vidal em uma das salas da Villa Helius. Ao me ver, o pai de dom Pedro ordenou que fosse pegar um copo de refrigerante e um pano limpo para tirar uma mancha de sua lapela.

— Creio que está me confundindo, senhor. Não sou empregado...

Ele lançou-me um sorriso que esclarecia a ordem das coisas no mundo sem precisar de palavras.

— Quem está se confundindo é você, meu rapaz. É um empregado, mesmo que não saiba disso. Como se chama?

— David Martín, senhor.

O patriarca saboreou meu nome.

— Siga meu conselho, David Martín. Saia desta casa e volte ao lugar a que pertence. Evitará muitos problemas para você, além de evitá-los para mim também.

Nunca confessei a dom Pedro, mas imediatamente saí correndo até a cozinha em busca do refrigerante e do pano e passei quinze minutos limpando o paletó do grande homem. A sombra do clã era enorme, e por mais que dom Pedro gostasse de ostentar um ar de boemia, toda a sua vida era uma extensão da rede familiar. Convenientemente, a Villa Helius ficava situada a cinco minutos da grande mansão paterna, que dominava a parte superior da avenida Pearson em um amontoado suntuoso de balau-